

MOTIVAÇÃO E AUTOESTIMA: possibilidades para o sucesso educacional

Motivation and self-esteem: possibilities for educational success

Juliana Dias Mendes¹
Vanessa de Pieri Teixeira Vitoreti¹
Adriana Souza da Silva¹

Resumo: O presente artigo refere-se a uma questão que envolve a profissão do professor – a motivação e a autoestima. A motivação é um elemento complexo e se constitui um meio essencial à própria razão de ser professor. O artigo busca refletir sobre a motivação como fator relevante no desempenho profissional do educador, dando enfoque à importância da autoestima no processo educativo. Faz também uma análise de quais ações pedagógicas favorecem a elevação da autoestima, favorecendo uma maior reflexão sobre a afetividade como fator importante no relacionamento professor e aluno. Finalmente, sugere o desenvolvimento de atividades, tais como as dinâmicas de grupo, que são consideradas elementos valiosos para a educação, podendo ser utilizadas para trabalhar o ensino e a aprendizagem. Desta forma, as dinâmicas de grupo norteiam uma concepção de educação que valoriza tanto a teoria como a prática e acabam por promover a participação e integração entre os acadêmicos, incentivando os mesmos a encontrarem seus próprios fluxos de autoestima e motivação.

Palavras-chave: Aluno. Motivação. Autoestima.

Abstract: This article refers to an issue that involves the teaching profession - motivation and self-esteem. Shows that motivation is a complex element and is an essential means to the very reason of being a teacher. Seeks to reflect on motivation as a relevant factor in the professional performance of the educator, giving emphasis to the importance of self-esteem in the educational process. It also makes an analysis of pedagogical actions which favor the elevation of self-esteem, encouraging greater reflection on affection as an important factor in teacher and student relationship. Finally suggests the development of activities such as group dynamics, which are considered valuable elements for education and can be used to work teaching and learning. Those the group dynamics guide to a conception of education that values both theory and practice is to promote the participation and integration among academics, encouraging them to find their own self-esteem and motivation flows.

Keywords: Student. Motivation. Self-Esteem.

Introdução

A palavra motivação deriva dos termos latinos *motus* (movido) e *motio* (movimento), e segundo o Dicionário Aurélio, “é o conjunto de fatores, os quais agem entre si, e determinam a conduta de um indivíduo”.

De modo geral, motivação é tudo aquilo que incentiva a pessoa a agir de determinada forma ou, pelo menos, que dá origem a uma propensão a um comportamento específico, podendo este impulso à ação ser provocado por um estímulo externo (provindo do ambiente) ou também ser gerado internamente nos processos mentais do indivíduo (CHIAVENATO, 1999, p. 32).

Sendo assim, a motivação é essencial para o desenvolvimento do ser humano, pois sem ela torna-se mais difícil o cumprimento de tarefas e o desenvolvimento de capacidades e habilidades.

Já a autoestima é o modo como o indivíduo se percebe e se sente em relação a si mesmo,

¹Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR-470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

e também como acredita que as pessoas o enxergam. Segundo Tiba (1999, p. 97), “a autoestima é o sentimento que faz com que a pessoa goste de si mesma, aprecie o que faz e aprove suas atitudes. Trata-se de um dos mais importantes ingredientes do nosso comportamento”.

A autoestima tem sido amplamente discutida no contexto educacional e familiar, onde sua falta acaba interferindo e prejudicando o desempenho do ser humano no processo de escolarização. Dessa forma, cabe ao professor agir como um incentivador de aprendizagem e fazer uso de sua percepção social e capacidade pedagógica para a resolução desta questão. Desse modo, ressaltará a importância da motivação em sala de aula como um subsídio fundamental na aquisição do conhecimento, despertando nos alunos seus desejos e futuras realizações no desempenho escolar e pessoal.

As relações afetivas entre professor e aluno são fundamentais para a aprendizagem, pois só através de um bom relacionamento é que existirão a troca de conhecimento e a interação. Diante dessa perspectiva, nota-se uma forte relação entre motivação e autoestima, pois através de uma autoestima saudável torna-se possível ser uma pessoa mais motivada. A autoestima produz um efeito positivo, a motivação, que gera mudanças interiores, possibilitando um grande passo para a autorrealização e busca da felicidade.

Percebe-se que os professores estão cada vez mais preocupados em mudar esta realidade, tornando suas aulas motivadoras, mudando suas práticas educativas no sentido de elevar a autoestima dos seus alunos, melhorando o relacionamento da classe e, com isso, buscando um maior sucesso no rendimento escolar.

No âmbito educacional esse assunto vem ganhando grande destaque, pois o ato de motivar educadores influencia diretamente no rendimento dos alunos. O educador é o principal agente motivador, ele precisa se sentir motivado para exercer suas funções de maneira realmente produtiva e demonstrar prazer no que faz. Para isso é necessário que se busquem alternativas para estimular esse processo motivacional, desenvolvendo uma aprendizagem que amplie o conhecimento individual ou de um grupo como um todo. Essa aprendizagem é baseada em conteúdos de motivação que se apresentam através de dinâmicas grupais, frases, textos ou até mesmo atividades para sala de aula. Dessa forma, espera-se que o educador tenha em mente que o ato de educar é a base para a formação de novos indivíduos, percebendo sua real importância e contribuição para o enriquecimento das futuras gerações.

A escola e o professor na atualidade

Durante o processo educacional, a criança desenvolve-se intelectual, afetiva, moral e fisicamente. Nas sociedades primitivas, a educação de crianças e jovens era responsabilidade dos adultos, anciões e parentes próximos.

Entretanto, em determinado momento a família, por si só, já não consegue mais suprir as necessidades de conhecimentos necessários para a inserção dos filhos na sociedade. É neste momento que surge a escola, com organizações semelhantes às dos quartéis e conventos: regimes de ordem, pontualidade e compostura, enquanto o ensino ficava em segundo plano.

Com o surgimento do capitalismo e a necessidade de mão de obra, o sistema escolar tem que se adaptar ao desenvolvimento industrial. Surge então a escola nova, que, apesar de não trazer grandes contribuições, conseguiu fazer a crítica à escola tradicional e, dessa forma, a educação foi passando por várias transformações e tendências pedagógicas, desde as tradicionais até as mais progressistas.

A escola é um importante referencial para o aluno. É nela que os alunos têm contato com a coletividade, enriquecem seu repertório de experiências e relacionamentos, aprendem os conceitos de ética para conviver em grupos, produzem e transmitem conhecimentos para poderem assim exercer a democracia e a cidadania.

O papel do professor no contexto escolar é aproximar o aluno ao mundo dos conhecimentos, desafiando-o no aprendizado em todos os aspectos: aquisição e desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, hábitos, atitudes, valores e ideais. Diante desse contexto, há de se concordar que o professor foi uma das profissões que mais tiveram aumento de tarefas, pois além de ensinar os conteúdos da área para a qual foi preparado, ele também precisa saber lidar com assuntos para os quais não tem a menor capacitação.

Dessa forma, Esteve (1999, p. 57) enfatiza que existe uma confusão com relação à extensa função do professor, já que a sociedade e a família transferiram muitas de suas responsabilidades para a escola. Na maioria das vezes, o professor resiste a elas, pois não foi preparado pelo processo de formação profissional.

O professor queimado é um fenômeno demasiado familiar para qualquer adulto que trabalhe na escola pública atual. Os sintomas incluem um alto índice de absenteísmo, falta de compromisso, um desejo anormal de férias, baixa autoestima, uma incapacidade de levar a escola a sério, os problemas do professor separam-no cada vez mais de seus alunos. (ESTEVE, 1999, p. 57)

Também há de se levar em consideração - e muitas pesquisas têm evidenciado isso - que houve um forte declínio da moral entre educadores, e isto vem aumentando cada vez mais devido aos fatores que interagem, como baixos salários, a falta de um plano de carreira que recompense a competência do professor e uma grande falta de autonomia profissional coletiva, que, segundo a opinião de Carr e Kemis (1986, p. 8), “se constitui uma das áreas onde o professor está mais seriamente limitado como um profissional”.

Todos os fatores citados sugerem que a qualidade do ensino e a satisfação do professor no trabalho estão intimamente relacionadas, o que torna pouco provável a melhoria da qualidade do ensino sem antes entender quais os motivos, interesses e principalmente as expectativas que ainda sustentam os professores em uma profissão em constante desvalorização.

A afetividade e autoestima na relação pedagógica

Uma preocupação cada vez maior no mundo em que vivemos diz respeito à afetividade e à autoestima. Diversos segmentos da sociedade abordam essas questões em seus discursos e buscam práticas que possam condizer com o que acreditam verdadeiramente. A afetividade entre as pessoas refere-se ao resgate de valores humanos, que por nós são deixados de lado devido à correria do cotidiano.

O papel do professor, através da sua relação com o aluno, é de suma importância para que a formação da autoestima, a autonomia de ideias, conceitos que o próprio aluno tenha de si e que contribuam para seu desempenho escolar e de sua vida como um todo, sejam pautados em segurança.

Se um professor assume aulas para uma classe e crê que ela não aprenderá, então está certo que terá imensas dificuldades. Se ao invés disso, ele crê no desempenho da classe, ele conseguirá uma mudança, porque o cérebro humano é muito sensível a essa expectativa sobre o desempenho. (ANTUNES, 1996, p. 56).

Diante dessa perspectiva, é preocupante o número de casos que vêm mostrando alunos envolvidos em discussões e agressões contra colegas ou até mesmo com professores. Estes casos, se observados em suas particularidades, comprovam carência afetiva, demonstrando que o conceito que o aluno tem de si é negativo.

Sabe-se que a escola não é a solução para todos os problemas do ser humano. Contudo,

como órgão educacional que tem como uma de suas funções a formação do cidadão como sujeito construtor do seu contexto histórico, a escola deve contribuir para mudanças significativas na relação professor e aluno, pois a afetividade se faz presente em qualquer ação e busca, dessa forma, estreitar esta relação.

Para a construção da autoestima não se pode buscar culpados. É necessário que se crie um clima de confiança que faça com que a pessoa se sinta verdadeiramente acolhida, compreendida e respeitada, sentimentos que ajudam a trabalhar a essência emocional de cada pessoa, bloqueando as condutas impróprias. Afinal, os educadores sabem que as crianças aprendem melhor quando estão satisfeitas com elas mesmas e que bons sentimentos são importantes.

Cuidar é mais que um ato, é uma atitude, portanto abrange mais que um momento de atenção, de zelo e desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilização e envolvimento afetivo. Por isto, é preciso cuidar da terra antes e depois da semente ser lançada, para que a planta possa crescer, florescer e dar bons frutos. (TIBA, 1999, p. 45)

Porém, infelizmente, alguns professores não percebem que são exemplos dentro de uma sala de aula, esquecendo que seus alunos os admiram, espelham-se neles e estão preocupados em ser iguais a eles, muitas vezes imitando-os em seus pensamentos e atitudes. Se os professores fossem cientes dessa imitação, com certeza procurariam policiar suas palavras e posturas. Seria muito bom se alunos e professores pudessem espelhar-se em pessoas positivas, que emanassem sinceridade, autonomia e confiança.

O aluno, muitas vezes, vai para a sala de aula não somente esperando por uma simples aula, ele vai à busca de respostas que esclareçam suas dúvidas quanto ao seu verdadeiro papel na sociedade. A escola é considerada como um grupo social que pode contribuir para sua formação como cidadão, e raramente o professor se preocupa em repassar esses valores, muito menos em estabelecer um vínculo afetivo nesta relação favorecendo a formação da autoestima do seu aluno.

Dessa forma, a emoção será compreendida dependendo da intensificação ou redução da afetividade, porém esse sentimento não se desenvolve “naturalmente”. Cada pessoa precisa de uma aprendizagem específica, pois uma relação de afeto é algo que se constrói no dia a dia, no entendimento de si e do outro.

Diante disso, é necessário que se tenha cuidado com as palavras que são escolhidas para a comunicação, levando em consideração a firmeza no tom de voz, buscando sempre alternativas que encorajam a autoavaliação por parte da própria criança, fazendo com que ela aprenda a amar-se, conhecendo e respeitando seus limites, sem medo de buscar o professor, e pedindo ajuda quando necessário.

Acredita-se que o uso de novas metodologias, que busquem cada vez mais inserir o aluno numa vida escolar que retrate sua realidade e busque contextualizá-lo, poderá modificar a educação. Porém, olhando-se por outro ângulo, a solução para a educação também pode estar no afeto. Afeto este que proporcione maior crescimento e valorização do ser humano, proporcionando um reconhecimento pessoal como sujeito ativo na construção da história.

Dinâmicas de grupo: fator motivador

Existem diversos fatores que influenciam o ser humano no seu comportamento, a motivação é um deles. De acordo com Chiavenato (1999, p. 52), “motivo é um impulso que leva a determinada ação, podendo sua ação ser interna ou externa”. Ele explica que os atos de um indivíduo são guiados por suas crenças e pensamentos, porém, quando se analisa o motivo de determinadas crenças, entra-se para o campo de estudos da motivação.

Sabemos que as pessoas são diferentes umas das outras, e em virtude disso, elas também não são iguais no quesito motivação. Cada indivíduo possui suas necessidades e, dessa forma, produz valores diferentes, padrões de comportamento diferentes, e capacidades e habilidades para alcançar resultados também diferentes.

Os indivíduos de várias profissões e instituições fazem parte de uma organização esperando suprir algumas necessidades pessoais, e isso não é diferente com os professores. As pessoas possuem expectativas com relação ao desenvolvimento de seu trabalho, que são: reconhecimento e recompensa – e isso inclui salário, benefícios e oportunidade de crescimento, autonomia, liberdade, melhor qualidade de vida, alegria e satisfação. Para tanto, também se espera do funcionário foco nos objetivos, trabalho em equipe, comprometimento e dedicação. Quando existe uma reciprocidade nas expectativas, tanto funcionário quanto organização se sentem atendidos, o relacionamento entre ambos caminha perfeitamente. Porém, quando não há equilíbrio entre as partes, ocorre uma alteração dentro do sistema.

A satisfação dos objetivos pessoais é fator determinante na percepção do relacionamento. Nesse contexto, o indivíduo pode sentir-se satisfeito ao perceber que foi bem recompensado em relação à demanda recebida. Em compensação, a organização acolhe o funcionário esperando que ele contribua mais do que ela lhe oferece. Partindo dessa ideia, o bom relacionamento organizacional parte da motivação individual, interferindo diretamente na relação entre pessoas e organizações. Da mesma forma ocorre com os professores: quando eles se sentem motivados, seus alunos também se sentem e as aulas fluem de forma com maior afetividade entre ambos, contribuindo para um sistema educacional de melhor qualidade. Porém, quando há desmotivação decorrente a frustrações ou dificuldades em satisfazer as necessidades individuais, professores e alunos se desinteressam, criando uma apatia entre eles, causando insatisfação pessoal. É diante desse contexto que se encaixam as dinâmicas de grupo como alternativa mediadora para que professores se sintam mais motivados, elevando assim sua autoestima e também de seus alunos.

A preocupação com os problemas coletivos não é um fator recente. Muitos filósofos discutiram ao longo da história sobre as questões grupais. Porém, apesar desse estudo sobre grupos e fenômenos sociais, foi somente no século XX que a expressão “dinâmica de grupo” passou a ser conhecida, através de um artigo publicado por Kurt Lewin, em um estudo na área de Psicologia Social sobre as relações entre teoria e prática.

Para Militão (2000, p. 22), “toda atividade que se desenvolve com um grupo e que tenha como objetivo integrar, desinibir, “quebrar gelo”, divertir, refletir, aprender, promover o conhecimento, incitar à aprendizagem pode ser denominada Dinâmica de Grupo”.

No que se refere ao desenvolvimento de valores individuais e coletivos dentro dos mais diversos segmentos sociais, a dinâmica de grupo tem grande importância. As pessoas estão em busca do autoconhecimento, da confiança mútua, da responsabilidade, da cooperação, da integração grupal, da capacidade de liderança, de decisão e iniciativa. Basta notarmos o comportamento de nossos ancestrais primitivos para vermos com clareza a relação que existe entre o jogo e o trabalho. As atividades trabalhosas, como a caça e a pesca, adquiriram características de jogo. A dinâmica de grupo também se torna divertida, pois é trabalhada de forma lúdica, buscando atingir o domínio afetivo dos integrantes do grupo.

Na dinâmica de grupo, os indivíduos participam de um processo de ensino e aprendizagem onde o trabalho em equipe é apresentado como uma tentativa de modificar a realidade, já que durante a atividade proposta o saber é construído junto, e conseqüentemente, o conhecimento deixa de ser individualizado.

A importância da dinâmica no processo do ensino e aprendizagem coletivo deve responder a objetivos específicos, no sentido de estimular a produção do conhecimento tanto no coletivo quanto no individual, transformando a dinâmica em uma ferramenta a ser usada agregando

conhecimentos, em busca de uma maior motivação, promovendo assim sua autoestima.

Para os adultos, os jogos são excelente ferramenta, que constrói e exercita a paciência, ameniza a ansiedade, promove o respeito e a tolerância no trato dos diferentes pontos de vista das pessoas com quem convivemos. Desinibem os mais tímidos. Jogando jogos apropriadamente escolhidos, as pessoas podem negociar sem medo de errar. Colocar e ouvir diferentes pontos de vista, com espontaneidade. Aprende-se a recriar “leis”, mudando as regras do jogo, e a respeitá-las de forma “motivada” e não por “imposição”. Estimulam-se a cooperação e a renovação de regras, fazendo nascer uma verdadeira constituição! (FAILDE, 2010, p. 64).

A cada grupo em que é aplicada, a dinâmica permite vivenciar momentos agradáveis e diferentes, trazendo resultados positivos e satisfatórios no que diz respeito à integração, motivação, aprendizagem, interesse, reflexão e conscientização. Ao longo da prática são observadas muitas mudanças de comportamento dos participantes, eles se tornam mais receptivos com os demais integrantes, posicionam-se de forma diferente com relação às questões apresentadas, conseguem eliminar barreiras interpessoais de comunicação e trabalho em equipes. Os resultados, geralmente, são motivadores e agregam grande valor ao grupo.

Considerações finais

Pensar na construção de uma sociedade mais solidária e justa é refletir sobre os seus afetos e valores que fazem com que o ser humano se diferencie nas relações escolares no seu dia a dia.

Através deste estudo ficou claro que afetividade, moral e educação estão diretamente ligadas à aprendizagem. Sendo muito significativa a influência da afetividade no modo como os seres humanos resolvem os conflitos de natureza moral, assumindo papel organizativo na forma de pensar, nas ações e também nas reações.

As escolas, juntamente com a família, devem trabalhar juntas para ajudar a criança a desenvolver todo seu interior intelectual, de modo que seja livre para aprender e criar. É respeitando sua total originalidade que se permite à criança o total desenvolvimento da própria capacidade individual. Assim, a criança, ao sentir-se competente para lidar consigo mesma e com o ambiente que a cerca, percebe que pode oferecer algo de bom para os outros, por isso a autoestima elevada é importante, afinal ela nada mais é do que a aceitação da criança em ser quem é.

É de suma importância que os professores percebam e acreditem que toda criança tem o potencial de gostar e aceitar a si mesma, pois ela constrói sua autoimagem a partir das palavras que lhe são conferidas, da linguagem corporal, das atitudes e julgamentos dos outros.

Mas para isso o professor também precisa buscar seu espaço de aceitação junto à escola, de forma que ele seja valorizado como tal para que não se sinta desmotivado e acabe por transmitir esse conhecimento de forma errônea e inadequada.

Sendo assim, a busca por agentes motivadores não deve ser abandonada, e uma forma de se proporcionar esse bem são as dinâmicas de grupo. Por meio delas, procura-se proporcionar exercícios práticos que visam à solução dos problemas de cunho pessoal e também grupal. Esses exercícios – sejam eles jogos, dinâmicas ou vivências –, quando usados de forma correta e coerente, constituem uma ferramenta importante para auxiliar o professor a alcançar seus objetivos. Ou seja, a meta é facilitar a modificação comportamental e o relacionamento interpessoal. Ela busca também permitir que a interação grupal seja cada vez mais ajustada, pois os exercícios têm a finalidade de eliminar barreiras que impedem a verdadeira comunicação interpessoal, despertar nas pessoas o sentido de solidariedade, visto que muitas vezes isso tem sido posto em segundo plano pela sociedade cada vez mais individualista. Colaborando de forma

efetiva, a dinâmica de grupo pode auxiliar a afastar a indiferença, a apatia, a agressividade e até mesmo o anseio de dominação. A pessoa tem permissão para se apresentar como ela realmente é, quais são suas limitações e habilidades.

Nesse contexto, as dinâmicas de grupos servem também para ajudar as pessoas a fazerem uma ressignificação de seus valores e de sua vida por completo. Permitem o enriquecimento interpessoal, desenvolvendo um melhor relacionamento entre os integrantes do grupo, promovendo dessa forma interações positivas.

Assim é o ser humano: quando observado somente pelo seu corpo físico, suas atitudes e formas de resolver diferentes situações, não imaginamos o seu interior, sua base de formação que influenciou o seu modo de ser e sua maneira de valorizar o outro.

Referências

ALTET, Marguerite. **Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas**. São Paulo: Porto Editora, 2000. (Coleção Ciências da Educação Século XXI).

ANTUNES, Celso. **Alfabetização Emocional**. São Paulo: Terra, 1996.

AURÉLIO, O **minidicionário da língua portuguesa**. 4ª edição revista e ampliada do Minidicionário Aurélio. Rio de Janeiro, 2002.

BRIGGS, Dorothy C. **A autoestima do seu filho**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CARR, W.; KEMMIS, W. **Becoming critical education: knowledge and action research**. Trad. Durley de C. Cavicchia. Londres: The Palmer Press, 1986.

CHIAVENATO, I. **Comportamento organizacional: a dinâmica do sucesso das organizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

CHIAVENATO, I. **Recursos humanos: o capital humano nas organizações**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente**. Bauru: EDUSC, 1999.

FAILDE, I. **Manual do facilitador para dinâmicas de grupo**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2010.

MARQUES, Ramiro. **Motivar os professores**. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

MENEZES, Luís Carlos. Os novos rumos da educação. **Revista Impressão Pedagógica**, Campinas, v. 9, n. 21. mar/abr. 2000.

MILITÃO, A.; MILITÃO, R. **Jogos, dinâmicas & vivências grupais**. 9. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2008.

_____. **Jogos, dinâmicas e vivências grupais: como desenvolver sua melhor “técnica” em atividades grupais**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2011.

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1999.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.